

Um estudo sobre as relações entre Martín de Azpilcueta Navarro e a Companhia de Jesus

Rafaela Franklin da Silva Lira*

O presente artigo visa apresentar as conexões entre Martín de Azpilcueta Navarro, canonista e professor, e a Companhia de Jesus, ordem escolhida pelo Concílio de Trento para disseminar a fé e doutrina católica entre os gentios das terras além-mar. No contexto das reformas, a ação de Navarro na divulgação do novo modelo de confissão, através de suas aulas e obras, foi fundamental para a formação de muitos padres jesuítas, sobretudo do padre Manuel da Nóbrega chefe da primeira missão jesuítica enviada à América Portuguesa em 1549, que através de suas cartas demonstrou aproximação com o catedrático. Os trabalhos de Navarro se estenderam ao longo de quase todo século XVI, após encerrar as atividades acadêmicas ele se dedicou a publicação de manuais e trabalhou na corte de Filipe II como conselheiro de direito canônico, pouco depois exerceu a função de advogado em defesa arcebispo de Toledo, Bartolomé de Carranza. Através de sua trajetória podemos observar as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais do período nos espaços em que circulou na Península Ibérica.

Martín de Azpilcueta nasceu em Navarra situada ao norte da Península Ibérica que juntamente a Aragão, Castela e Leão formavam os reinos espanhóis. Foi tardio o processo de unificação e centralização desses reinos devido às diversidades sociais e culturais presentes nos territórios. As diferenças linguísticas e políticas foram ao longo dos séculos XV e XVI agregadas por acordos e anexações que proporcionaram aos poucos a unificação administrativa, apesar das desigualdades locais não se eliminarem por completo. Foi neste espaço conturbado em fins dos quatrocentos que Navarro viveu sua infância e deu início aos estudos em Humanidades e Latim.

Provavelmente aos onze anos seguiu para Alcalá de Henares onde estudou Artes, Filosofia e Teologia, sua mudança se explica pela ausência de outras instituições de ensino em seu reino de origem. Os estudos em Alcalá formaram Martín de Azpilcueta bacharel em Teologia. Ao término do curso, o estudante não retornou a Navarra, mas seguiu em direção a

* Mestranda Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da UFRPE. Agência Financiadora FACEPE.

França. Ambicionava uma vaga na renomada universidade de Toulouse, lá se formou doutor em direito civil e canônico e lecionou suas primeiras classes.

Em 1823 o Doutor Navarro decidiu regressar ao seu reino e ingressar no Monastério de Cônegos Regulares de Roncesvalles que pertencia a Ordem de Santo Agostinho dos Pirineos. Apesar de demonstrar dedicação em suas atividades no hospital e na colegiata, o canonista deixou o monastério no ano seguinte e partiu para Salamanca onde retomou as classes, rapidamente adquiriu notoriedade na universidade e despertou o interesse de intelectuais, nobres e monarcas da Península Ibérica. Por essa razão foi convidado pelo rei D. João III para lecionar em Coimbra, a partir desse momento as relações entre o professor e a Companhia de Jesus se estreitaram, sobretudo devido a presença de muitos jesuítas nesta instituição.

Esta ordem surgiu em um momento de mudança e reação da Igreja, que ficou conhecida como Reforma Católica. Estas alterações não foram apenas uma resposta à reforma protestante, mas o resultado de uma longa estruturação de sua doutrina e de seus cânones. Desde o fim da Idade Média esta instituição perdeu poder político e econômico para os monarcas, a reconfiguração social proveniente dos Estados Modernos ameaçou a hegemonia clerical. Para reaver as perdas e ganhar novamente a importância de outrora, a Igreja promoveu uma reforma para reafirmar seus dogmas, doutrinar as práticas do clero e dos fiéis, renovar suas ordens, conquistar novos membros e reagir às críticas que incidiram sobre ela. Célia Cristina Tavares, que investigou a relação entre dos Jesuítas e a Inquisição em Goa, afirma em sua análise sobre a Reforma Católica,

A crise da cristandade ocidental deve ser entendida, portanto, como um processo que se desenvolve desde a Baixa Idade Média. Dessa forma, a produção historiográfica mais recente tende a definir as reformas protestante e católica como resultantes de um passado comum, malgrado as suas diferenças e enfrentamentos. A expressão “tempo das reformas” define o processo de longa duração da renovação do cristianismo (TAVARES, 2002: 85).

Em meio a este contexto de renovação surgiu a Companhia de Jesus, a ordem que melhor correspondeu às expectativas desse momento. Apesar de surgir no momento

oportuno, a Companhia não foi criada como uma resposta a reforma protestante, não há relação direta entre estes dois eventos, porém ao ocorrerem quase que simultaneamente causam a impressão de estarem interligados (WRIGHT, 2006: 27)

Sua formação está diretamente ligada ao seu fundador Inácio de Loyola. Nascido em Azpeitia, província de Guipúzcoa em 1491, Loyola desde jovem conduziu sua vida por prazeres e ilicitudes, pouco se importando com o campo espiritual. Ao treze anos ingressou na carreira militar e, posteriormente, recebeu o posto de capitão em Pamplona. Durante sua estadia na capital de Navarra foi deflagrada a guerra contra França, com os ataques Loyola acabou ferido nas pernas por uma bala de canhão e para não perde-la ou ficar com sequelas foram necessárias algumas cirurgias e repouso durante um longo período. Em sua recuperação começou a ter contato com a literatura cristã. Através das leituras de *Vida de Cristo* e *Florilégio*, despertou o desejo de trabalhar a serviço de Deus (LEITE, 1938-1945: 25).

Recuperado da cirurgia, Loyola passou a se dedicar integralmente às obras espirituais, visitando igrejas, conventos e desprovido-se dos bens materiais. Neste momento, viveu uma experiência em total desapego ao material em que pediu esmolas e cometeu autoflagelo. A partir de então deu início à produção do manual *Exercícios Espirituais*, obra célebre que marcou a doutrina jesuítica. Realizou uma peregrinação até a terra santa, mas impossibilitado de lá permanecer retornou com o propósito de difundir seus exercícios. Ao regressar, Loyola iniciou os estudos em Alcalá (1526) e Salamanca (1527) com o propósito de aprofundar seus conhecimentos em teologia, pouco depois acabou preso pela inquisição que suspeitou do conteúdo do seu livro. Após a investigação foi provada sua inocência, então se dirigiu a França onde continuou a estudar. Lá se uniu a alguns companheiros de curso e deu início a divulgação dos seus exercícios, em seguida firmou votos de dedicação exclusiva ao trabalho cristão. Aos poucos, o número de adeptos as ideias inicianas aumentou, foi então que os estudantes liderados por Loyola criaram a ordem religiosa Companhia de Jesus, posteriormente aprovada na bula *Regimmi Militantis Ecclesiae* durante o pontificado de D. Paulo III em 1540 (LEITE, 1938-1945: 3-5).

Em seguida, foram elaborados outros documentos que versavam sobre o funcionamento da Companhia, são eles: a *Constituições da Companhia de Jesus* que

regulamentavam o funcionamento da ordem e o *Ratio Studiorum* (1599), um manual de ensino criado para padronizar os objetivos e os métodos que deveriam ser empregados pelos padres durante as aulas, evitando disparidades na aprendizagem (SOUSA, 2003: 26)

Também foram formulados três princípios sobre os quais todos os ordenados deveriam se basear e que somados aos *Exercícios Espirituais* formavam o modelo ideal para instrução, eles foram apontados por Célia Tavares:

A partir de três princípios básicos que definiam o modelo inaciano: o romanismo (total fidelidade ao papa, havendo inclusive um voto especial com esse objetivo, além dos habituais três votos regulares – pobreza, castidade, obediência), a “polivalência” (além de religiosos, seriam um pouco de tudo que fosse necessário – médicos, botânicos, professores e assim por diante) e o ascetismo (procura da plenitude da vida moral) (TAVARES, : 95).

Além dos objetivos rígidos que exigiam do clérigo dedicação e compromisso com a ordem, a organização da Companhia seguiu um forte caráter militar certamente influenciado pela vida e experiência de Loyola. A rigidez própria do militarismo se apresentou por meio de uma estrutura hierarquizada que estabeleceu ordem e preservou, sobretudo, a obediência entre os membros. A *Fórmula do Instituto* desenvolvida por Loyola traz nas primeiras linhas a comparação entre o jesuíta e o soldado, sua luta se dava no campo espiritual e sua arma era a cruz de Cristo. Foi esta estrutura que permitiu aos clérigos se espalharem pelas várias colônias dos impérios e manterem o elo e a subordinação aos superiores¹.

Além da comparação descrita, a *Fórmula do Instituto* apresentou os objetivos da Companhia, nela se inscreve:

procurar o proveito nas almas na vida e na doutrina cristã, propagar a fé pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e pelas obras de caridade, e verdadeiramente ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão (LEITE, 1938-1945:8).

¹ LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus**. Lisboa: Portugália /Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938- 1945. V. 1.

Seguindo estes princípios, os jesuítas deram início à principal atividade da ordem: as missões. Loyola ressaltou a importância de conquistar as almas que estavam abandonadas além-mar e sem a possibilidade de salvação, pois se quer conheciam o cristianismo. Certamente por isso os jesuítas se esforçaram em aprender as línguas dos locais em que aplicaram a catequese a fim de estabelecer intenso contato com os gentios. Alguns padres em especial eram instruídos sobre a língua nativa antes de iniciarem sua viagem, eram os tradutores que tinham um papel estratégico na missão.

A obra *Doutrina autógrafa e confessionário* organizada por Cardozo apresenta a importância o uso da língua nativa, o tupi, nas relações entre os padres e os indígenas. Essa necessidade foi rapidamente percebida por José de Anchieta, é possível encontrar nos seus escritos várias frases em tupi seguidas da tradução em português (ANCHIETA, 1992). A obra *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* do padre serviu como um guia para os demais jesuítas que se propuseram a ir catequizar os grupos de indígenas da *Terra Brasilis*,

As primeiras gramáticas do tupi de José de Anchieta, em 1595, e do japonês de João Rodrigues (1604-1608), impressas no período de Aquaviva, estavam direcionadas a transformar o membro letrado em conhecedor das línguas dos catecúmenos, tornando-o bilíngüe (BARROS, 2007:6)².

O uso da língua vulgar na ordem partiu do desejo de Loyola que observou a necessidade de estabelecer uma comunicação eficiente entre os padres e os aborígenes, no entanto, apenas alguns padres foram escolhidos para desenvolver a função “a opção da Companhia de Jesus de doutrinar nas línguas vernáculas havia sido tomada desde Inácio de Loyola na primeira metade do século XVI, no entanto esta política teve diferentes matizes em relação a quais membros deveriam aprender estas línguas” (BARROS, 2007: 6).

Além da habilidade para as missões, o caráter militar também contribuiu para que o Concílio de Trento tornasse a Companhia de Jesus a ordem oficial da Reforma Católica responsável por expandir a doutrina, os cânones e conquistar o maior número de fiéis no

² BARROS, Cândida. Maruyama, Toru. **O perfil dos intérpretes da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI**. Revista de história e estudos culturais. Dez, 2007. V. 1 p. 6

Império Português e Espanhol. Além de Trento, as monarquias ibéricas também se associaram aos jesuítas “na tentativa de fortalecer o estado colonizador e cristalizar um eixo católico ibérico apoiando-se nas populações recém-conquistadas.” (ALMEIDA, 1993: 38).

Ensinar era o trabalho da maioria dos inicianos. Além de fundarem escolas nas missões com aulas destinadas aos seculares, também receberam o direito de administrar colégios na península ibérica. Desde 1534, eles se instalaram em Portugal e abriram um colégio para formar os clérigos da ordem. Rapidamente a escola ganhou importância e seus membros passaram a participar dos assuntos da nobreza e do reino. Pouco depois, no ano de 1555, receberam de D. João III a direção do Colégio de Artes de Coimbra criado pelo monarca em 1548. Ao tomar posse do Colégio, os jesuítas perceberam que o espaço educacional era um campo frutífero para estimular vocações entre os alunos e alcançar novos membros (RAMALHO, 1998: 173). As razões que levaram a transferência do colégio para a Companhia estiveram relacionadas com o processo instaurado pela inquisição contra os humanistas e professores, Diogo Teive, João da Costa e Buchanan. Segundo Américo Ramalho, provavelmente Navarro escreveu uma carta para D. Catarina esposa de Carlos I, intercedendo pelos colegas de profissão. Essa correspondência explica o fato dos intelectuais terem sido bem tratados na prisão e recebido penas brandas (RAMALHO, 1998: 176).

O Colégio das Artes oferecia aos alunos os cursos de licenciatura, bacharelado e mestre, mas também era pré-requisito para a admissão em outros cursos como teologia e medicina (RAMALHO, 1998: 172). D. João III que financiava a estadia dos jesuítas nesta instituição consultou a opinião de Martín de Azpilcueta sobre a ordem, devido à grande influência e prestígio do doutor na Universidade sua opinião era de extrema relevância para o rei. As impressões do canonista contribuíram para aumentar a confiança e a credibilidade da ordem na corte portuguesa, ele expressou satisfação em ver o Colégio sob a coordenação dos inicianos:

tuvimos ocasión de admirar...el primer Colegio de la Compañia de Coimbra, que ciertamente nos llenó de asombro y veneración. No teniamos, la verdad, cosa alguna contra ella, por que en el primer Colegio de la ordem se guardaban la regras...[y no se podía] observar en los meismos ni mancha de vicio ni sombra de mal (FÉRNANDEZ, 2011:123).

Uma particularidade da Companhia em relação às demais ordens foi a intensa produção de cartas. Essa prática se baseava nas constituições inacianas que enfatizavam a importância de unir “os repartidos em torno de um só”. Estas constituições determinavam que os jesuítas deveriam escrever a cada quatro meses para os seus superiores informando, de maneira geral, sobre o andamento das missões. Pouco depois as cartas passaram a ser solicitadas anualmente devido à imensa quantidade de correspondências que chegavam a Roma. Inácio de Loyola recebeu em torno de sete mil cartas, considerando todo o acervo esse total representava apenas 2,5%. Esses dados nos permitem perceber a importância desse elemento para a comunicação entre os padres. Porém as cartas poderiam ser reduzidas caso as condições locais em que se encontrassem os jesuítas nas missões não possibilitassem um contato frequente com os demais padres da ordem (BRANCO, 2010: 16).

Os jesuítas foram missionários por excelência, e, por isso, se espalharam entre os continentes. Porém a distância não foi um empecilho que afastou e isolou estes grupos da comunicação com os demais clérigos. Através das correspondências os clérigos mais distantes conseguiam enviar informações e solicitar esclarecimentos sobre doutrinas. O maior incentivador dessas redes de comunicações foi o próprio Loyola,

Escrever era para Loyola um ato comandado por um sentido. Ele escreveu os Exercícios Espirituais para ensinar e acompanhar, as Constituições para regulamentar, as Instruções aos membros da Companhia para manter a união, seus diários para entender sua própria espiritualidade, e as cartas como forma de agir e comunicar sobre os mais variados assuntos e situações (LONDONO, 2002: 5).

Em seus estudos, Mario Correia investiga as cartas jesuíticas e a sua contribuição para a circulação de informações, a renovação da fé e a formação de uma identidade jesuítica. As cartas levavam informações relacionadas ao cotidiano dos padres, como também apresentavam práticas desconhecidas no velho mundo. Os jesuítas escreviam sobre os desafios da conversão e confissão nas aldeias. Estas cartas também serviam de estímulo aos jovens seminaristas que ainda estudavam na península ibérica, pois eram testemunhos sobre os variados trabalhos desenvolvidos nos campos missionários,

a circulação interna da correspondência contribuiu para despertar vocações religiosas entre os alunos de seus colégios, o que garantiu a existência de uma reserva de futuros missionários e o aumento constante de seu efetivo, alimentando entre os noviços o desejo de se engajarem nos ministérios da ordem (BRANCO, 2010:13).

Além de informações específicas de cunho religioso, os jesuítas também relatavam elementos de caráter político e econômico, tornando-se assim agentes participativos no processo de colonização. Além de enviarem as cartas para os membros da própria Companhia também escreviam para autoridades administrativas, inclusive para o rei como fizeram constantemente alguns jesuítas, a exemplo do padre Francisco Xavier.

Célio Costa também percebeu a importância do sistema de correspondência para a ordem jesuíta. Logo que os jesuítas se instalavam em um aldeamento prontamente informavam seus superiores das condições locais:

É pelas cartas que pode-se acompanhar as primeiras impressões que os jesuítas tiveram a respeito dos povos aborígenes, principalmente no que respeita às possibilidades de que as conversões fossem várias e a evangelização frutífera. Por outro lado, é pelas cartas que se pode verificar quais os primeiros inconvenientes encontrados (COSTA, 5).

Muitas correspondências enviadas pelos padres não foram destinadas aos superiores da ordem, mas ao canonista Martín de Azpilcueta Navarro. Apesar de não pertencer à Companhia, o professor Navarro possuía relações muito estreitas com os jesuítas, além de grande conhecedor dos cânones e a doutrina da Igreja. As razões que levaram Navarro a estabelecer um intenso contato com os inicianos não se explica apenas pelo fato de seu primo, o padre Francisco Xavier, pertencer ao grupo fundador da ordem e ter se destacado como o principal apóstolo do Oriente, ou porque seu sobrinho João de Azpilcueta integrou a primeira missão de clérigos enviada à América Portuguesa em 1549 juntamente com o Padre Manuel da Nóbrega. Os vínculos entre Navarro e a ordem iam além dos laços familiares. O catedrático tinha grande admiração por Inácio de Loyola e os seus ensinamentos, em certa medida as características da Companhia desenvolvidas por Loyola estiveram muito próximas das ideias e do sentimento do Doutor Navarro em seu trabalho e em seus escritos,

Este contacto estrecho com los jesuítas de Coimbra revelaba una profunda simpatía del Doctor Navarro por la Compañía que se mantuvo toda su vida. Había una conexión evidente de objetivos como el amor a la enseñanza, por el estudio, la vestiduras pobres, el espíritu del mortificación y sencillez, la doctrina moral [...]. En Roma poseía en su casa un cuadro con el retrato de san Ignacio de Loyola. Todo esto es suficiente para comprender que cuando uno de los sobrinhos de Azpilcueta expresó sus deseos de ingresar en la comunidad jesuíta de Salamanca el impartió todas las bendiciones (FERNÁNDEZ, 2011: 125).

Segundo Rafael Fernández, os biógrafos que se dedicaram a estudar a vida Azpilcueta perceberam seu forte interesse em se converter a ordem e trabalhar nas missões jesuíticas. Seu primo Xavier o advertiu em carta que sua idade (48 anos em 1540) já estava avançada para se dedicar às missões e que por isso seria melhor que continuasse a lecionar em Portugal. Aritiga y Lasa afirmou que o canonista teve relações muito próximas com os jesuítas. O autor ainda revela que o escritor fez alguns livros a pedido da ordem, explicou o Direito Pontifício nas *Relecciones* públicas e dedicou a Simão Rodrigues, um dos padres fundadores da Companhia, *o Relectio cap. Ita qorumdam* em 1555, além de relatar em uma carta que tinha amor pela Companhia (ARTIGA y LASA, 1845 : 173).

Além disso, muitos inicianos que se formaram pela Universidade de Coimbra foram seus alunos, podemos citar em especial o padre Manuel da Nóbrega (LEITE, 1955: 28). Este jesuíta foi discípulo de Azpilcueta e com ele estabeleceu relações muito próximas, em certa ocasião o mestre defendeu o jovem durante um exame acadêmico em que tinha uma hora para realizar toda a leitura do texto na presença de alguns professores. Passado o tempo todos os alunos conseguiram terminar a atividade, com exceção do padre Nóbrega. Foi então que Navarro intercedeu por ele pedindo uma nova chance para que concluísse a leitura, afinal o aluno tinha gaguez e por isso não estava sobre a mesma condição dos demais colegas. Dessa forma, o estudante conseguiu terminar a leitura e foi aprovado pelo corpo docente que o avaliava. Após o exame, Nóbrega se mostrou muito agradecido e desde então não perdera mais a admiração e o vínculo com o professor.

Manuel da Nóbrega foi chefe da primeira missão jesuítica enviada à América Portuguesa. Ao chegar à Bahia em 29 de março de 1549 o padre escreveu para o seu mestre, Doutor Navarro, o reverenciando pela importância que tinha para ele e para Deus com o objetivo de relatar o que encontrou no novo mundo. Inicialmente afirma que ao chegar, juntamente com Tomé de Souza e sua comitiva, trataram de fundar a cidade de Salvador e

com a ajuda dos gentios da terra que demonstravam-se pacíficos construíram casas e começaram o plantio da cana de açúcar após perceberem a fertilidade do solo. Apesar do breve comentário observa-se que Nóbrega esteve dentre os portugueses que fundaram oficialmente a cidade, embora as questões de ordem política ficassem sob a responsabilidade do governador-geral e outros agentes ligados a administração colonial. Juntamente com alguns membros da Companhia de Jesus contribuiu significativamente para o contato ao se aproximar dos aldeamentos indígenas para observar as práticas destes grupos e ensinar-lhes a língua e a cultura portuguesa.

Esse trabalho foi fundamental para o estabelecimento dos portugueses na América, os jesuítas tornaram-se o elo entre os aborígenes e os colonizadores. Utilizando-se da catequese esses clérigos ao mesmo tempo auxiliavam a Coroa e a Igreja, pois trabalhavam para tornar os gentios ao mesmo tempo súditos do rei e cristãos, em um momento de perdas devido a reforma protestante era necessário o aumento do número de membros para fortalecer o catolicismo já abalado desde fins dos quatrocentos.

Em seguida, Nóbrega descreve as belezas da Bahia, segundo ele uma terra que apresentava inúmeras qualidades e uma beleza natural incomparável as regiões do velho mundo,

A região é tão grande que dizem, de três partes que se dividisse o mundo, ocuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos frutos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Similham os montes grandes jardins e pomares que não me lembra ter visto panno tão belo. Nos ditos montes há animaes de muitas diversas feituradas [...] muitas e diversas das de Hespanha. (NÓBREGA, 1988: 89).

Como podemos observar, o missionário em sua comparação refere-se a *Hespanha* e não a Portugal, provavelmente conheceu o reino vizinho durante a temporada de estudos na Universidade de Salamanca. Apesar de escrever ainda na primeira metade dos quinhentos, Nóbrega se refere a região utilizando o termo que sugere a ideia de unidade, *Hespanha*, apesar de Navarra, Leão, Castela e Aragão não se mostrarem unificados antes do governo de Filipe II, com exceção dos dois últimos devido a união de Isabel e Fernando.

Outro trecho da carta nos mostra mais diretamente o trabalho realizado pelos jesuítas entre os indígenas que em maioria aceitavam a entrada dos clérigos em sua tribo, salvo algumas exceções. Percebemos assim que a relação estabelecida entre eles era agradável,

porém começamos a visitar as suas aldeias, quatro companheiros que somos, a conversar familiarmente, e a anunciar-lhes o reino do Céu, se fizerem aquilo que lhes ensinamos; e são estes aqui os nossos bandos. Convidamos os meninos a ler e escrever e conjuntamente lhes ensinamos a doutrina cristã [...] porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser cristãos como nós outros (NÓBREGA, 1988: 92).

Nóbrega declara que os indígenas demonstravam interesse em aprender as letras, talvez as palavras do padre reflitam apenas uma curiosidade natural para com o novo, pois eles não conheciam a doutrina cristã. Certamente o jesuíta estabeleceu uma analogia entre a mitologia indígena e as narrativas bíblicas, pois ele afirma que já era de conhecimento nestas terras o dilúvio de Noé³. Essa comparação permite perceber que os grupos indígenas possuíam um vasto e inexplorado campo cultural que passou a ser percebido pelos missionários por meio da observação durante as ações catequéticas, o entendimento da cultura nativa se tornou uma ferramenta imprescindível para a comunicação com os portugueses.

Algumas dessas práticas foram duramente criticadas por Nóbrega, chamadas por ele de “maus costumes” como a antropofagia, comum em algumas tribos, e as feitiçarias, que no geral eram os rituais e o conhecimento sobre ervas de fins medicinais que eram utilizadas com frequência pelos nativos.

Estes costumes foram combatidos pelos jesuítas e por essa razão nem todas as tribos aceitavam a presença dos padres pacificamente, demonstrando aversão aos colonizadores de diversas formas, dois casos foram apontados por Nóbrega na carta. No primeiro um indígena assassinou um cristão, este fato provavelmente mostrava resistência em aceitar a nova religiosidade. Em resposta o governador-geral reagiu matando-o de maneira hostil, por exemplo era uma tentativa de domesticar os grupos que não aceitavam a presença dos colonizadores. No segundo, os padres foram acusados de espalhar doenças nas tribos através

³ Os ameríndios possuíam uma mitologia diversificada que explicava muitas questões sobre o surgimento do seres vivos e do universo. Podemos encontrar de maneira mais específica estas histórias na coletânea Mitológicas de Claude Lévi-Strauss, - O cru e o cozido, Do mel às cinzas, A origem dos modos à mesa e O homem nu – nela o autor apresenta análises sobre os mitos.

da água do batismo, certamente essas moléstias se alastraram devido ao contato com os portugueses e ausência de proteção natural dos nativos. Por todas as dificuldades que enfrentava, o padre solicitou a ajuda do canonista por meio de orações e rezas para que Deus os ajudasse nesta missão e pediu para que escrevesse segundo a vontade do Senhor (NÓBREGA, 1988: 94).

As cartas enviadas por Nóbrega não se destinaram exclusivamente ao Doutor Navarro, além de escrever diretamente para o rei D. João III também dirigiu-se a outros mestre como Ignacio de Loyola e Simão Rodrigues de Azevedo, fundadores da Companhia de Jesus. Para este último o missionário relatou uma queixa específica, a crítica ao comportamento dos portugueses. Os lusos católicos já conheciam a doutrina e os sacramentos da Igreja, porém suas condutas imorais acabavam por gerar mau exemplo para os indígenas. Esse quadro se repetiu nos vários lugares onde a Companhia esteve presente, como revelam as inúmeras correspondências enviadas pelos jesuítas aos seus superiores no reino,

Somente temo o mau exemplo que o nosso Cristianismo lhe dá, porque há homens que há sete e dez anos que se não confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres. Dos sacerdotes ouço coisas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendíssima de lembrar a Sua Alteza um Vigário Geral, porque sei que mais moverá o temor da Justiça que o amor do Senhor (NÓBREGA, 1988: 75).

Os padres ainda sugeriam que os portugueses se distanciassem das aldeias para que não prejudicassem os ensinamentos e a catequese. Nos escritos eram feitos também críticas aos indígenas recém-convertidos que geralmente retomavam as práticas costumeiras nas tribos, como a bigamia e os rituais religiosos. Os aborígenes tinham hábitos muito diferentes dos cristãos europeus, aos poucos os jesuítas perceberam que não seria fácil suplantar representações e práticas indígenas com a implantação de novos valores e doutrina cristã⁴.

Todavia, as dificuldades não impediram o trabalho missionário desenvolvido pelos padres que se estendeu pelos séculos seguintes. A organização implantada na ordem por Loyola contribuiu para que os clérigos superassem as situações adversas encontradas nas missões. Estes agentes contribuíram significativamente para a conversão das almas, mas

⁴ Sobre o contato entre culturas e o processo de aculturação, mestiçagem e hibridismo ver GRUZINSKI, Serge **O pensamento mestiço**. São Paulo, Companhia das letras. 2001.

também para a introdução de práticas culturais ibéricas nos aldeamentos e principalmente para o aumento do número de súditos do rei, afinal a coroa esteve atrelada a cruz na colonização.

A Companhia foi a ordem que melhor correspondeu às necessidades reformistas da Igreja Católica no século XVI. Certamente por isso foi escolhida pelo Concílio de Trento para expandir a fé Católica e angariar fiéis nas terras longínquas do Império ibérico. Sua metodologia educacional e caráter militarista em muito contribuiu para a expansão da colonização e catequese dos gentios. Dentre os cânones católicos, os padres esforçaram-se em empregar de maneira mais enfática a confissão, que por meio das reformas tridentinas colocava o padre como elemento de ligação entre Deus e o pecador. Doutor Navarro que orientou com aulas e livros os jesuítas muito contribuiu para que o modelo de confessionalismo católico moderno fosse absorvido pelos padres e por consequência se estendesse pelas áreas coloniais.

Durante os anos em que esteve em Coimbra Navarro recebeu cartas de Nóbrega, talvez tenha recebido também de outros alunos jesuítas que se espalharam pelos demais continentes e que também descrevessem as peculiaridades do campo missionário, pedissem orientações ou uma simples oração. Em 1554, aos 62 anos de idade, Navarro encerra suas atividades na universidade, deixando o cenário acadêmico como um dos mais consagrados doutores que ensinaram na instituição. Ele formou vários discípulos e produziu diversas obras sobre o direito canônico e a doutrina católica. Ao sair da instituição tinha a intenção retornar a Salamanca e Navarra para resolver questões familiares. Na volta, foi aclamado pelo imperador Carlos I e sua corte pelos trabalhos realizados em Portugal nos últimos anos.

Apesar da idade avançada, o canonista continuou realizando trabalhos fora da universidade, inicialmente traduziu alguns de seus livros e tratados produzidos em português para o castelhano e também escreveu novas obras. Este período marcou uma fase de grande produtividade, pois Navarro se dedicou integralmente a suas publicações. Pouco depois de seu retorno assumiu o trono Habsburgo Filipe II, que ao perceber as qualidades e o reconhecimento do catedrático, o convidou para ser conselheiro de direito canônico em sua corte, e assim foi até 1567. Logo depois foi convocado para advogar no processo instaurado

pela inquisição contra o arcebispo de Toledo, Bartolomé de Carranza, causa que se estendeu por quase vinte anos⁵.

Oriundo do Reino de Navarra, Carranza iniciou sua carreira eclesiástica ainda jovem na ordem dominicana, cursou teologia e publicou diversas obras, dentre elas: *Tratado sobre la virtud de la justicia* (1540), *Summa conciliorum et pontificum a Petro usque ad Paulum tertium* (Universidad de Valencia), *Comentarios sobre el catecismo cristiano*. Em 1557 foi convidado por Filipe II para se tornar arcebispo de Toledo, apesar da resistência inicial aceitou o cargo. Pouco depois Carranza teve seu nome envolvido em um escândalo que desencadeou um processo inquisitorial, foi acusado por um grupo de hereges protestantes de ser líder um luterano. A inquisição supostamente encontrou em suas obras relações com o protestantismo, logo se levantaram dúvidas sobre seu caráter que desembocaram na sua prisão. Em 1561 Navarro tomou a causa para si e afirmou que o arcebispo não tinha nenhuma ligação com Lutero. Ao contrário do que imaginava, foi processado pelo mesmo tribunal, pois percebeu que por detrás das acusações existiam fortes interesses políticos. Transferiu a causa para Roma na tentativa de aumentar suas chances na defesa e por fim obteve a sentença do papa Gregório XIII que aplicou penas brandas para o acusado, como afastar-se por cinco anos do cargo de arcebispo. Certamente a ação de Navarro contribuiu para livrar Carranza da morte pelo Santo Ofício, mas as penas não chegaram a ser aplicadas porque poucos dias depois da declaração papal o arcebispo faleceu.⁶

Apesar da conclusão do processo, Navarro permaneceu em Roma até sua morte em 21 de julho de 1586 e neste período realizou seu último trabalho, foi consultor do Supremo Tribunal da Penitenciária, um dos tribunais da cúria romana responsável pelas questões de foro interno, em diversos momentos foi diretamente consultado pelo papa sobre questões espirituais e doutrinárias (OLORIZ, 106). Foi enaltecido pelos pontífices Pío V, Gregório XIII e Sixto V pelo seu trabalho, mas, sobretudo pelo seu caráter e disciplina que serviam de exemplo aos demais eclesiásticos. Após a morte ganhou fama de santo, por isso seu corpo foi

⁵Cf. LASA, Mariano Marigita y. **Don Martín de Azpilcueta y sus obras**. Pamplona, Imprenta Provincial, 1845. p. 298-313

⁶ Cf., Rafael Pardo. Op. Cit. p. 154-174

rapidamente sepultado na Igreja de Santo Antônio dos portugueses, com as honras fúnebres de clérigo e intelectual que muito contribuiu para a difusão dos cânones e doutrina católica.

Desde o início sua carreira acadêmica, produziu livros que auxiliaram principalmente os clérigos e os fiéis, com orientações para o desenvolvimento da moral segundo os cânones e sacramentos da Igreja. Algumas obras mais expressivas foram apontadas por Rafael Fernández:

Co[m]mto o repeticion del capitulo quando de consecratione... em La qual de raiz se trata de La oración, horas canônicas y otros officios divinos... (Coimbra, 1550); Manual de Confessores e Penitentes (Coimbra, 1556); Tractado de las rentas de los beneficios ecclesiasticos : para saber en que se han de gastar y a quien se han de dar, y dexar (Valladolid, 1566); (FÉRNADEZ,2011 : 185)

De todas as obras produzidas pelo doutor Navarro, a de maior repercussão foi o *Manual de Confessores e Penitentes* que atingiu cerca de oitenta edições em variadas línguas em menos de um século de sua publicação (GARCÍA, 2001:78). Dez anos antes, o canonista havia elaborado uma obra muito parecida em latim chamada *Comentarii de Penitencia* (1542), porém sua repercussão foi bem modesta se comparada ao Manual. A diferença entre elas está em alguns parágrafos e acréscimos que ganhou. É provável que a tradução em vernáculo tenha auxiliado na compreensão e difusão dos dogmas e conquistado um novo público. A organização do texto também contribuiu para seu sucesso, pois de maneira objetiva os sacramentos e penitências foram apresentados em uma sequência lógica facilitando a aprendizagem.

Segundo Carlos Beorlrgui as obras de Navarro foram responsáveis pela formação de algumas teorias que podem ser resumidas em: teoria econômica, origem do poder político, distinção da autoridade religiosa e civil, teoria sobre direito internacional, contribuições com a reforma católica (BEORLEGUI, 2007: 7). Dessa forma, observa-se que o legado do teólogo foi amplo e contemplou vários aspectos.

Percebemos assim quão variadas eram as temáticas abordadas pelo Doutor Navarro ao longo de suas obras. As questões inerentes à sociedade de seu tempo foram debatidas em seus trabalhos e nos auxiliam nos estudos sobre o século XVI. Seus biógrafos concordam em

afirmar que seu maior legado foram às reformas no direito canônico que muito contribuíram para a organização do catolicismo moderno⁷.

Esse influente intelectual que circulou nas principais cortes e universidades de seu tempo foi um homem capaz de enxergar as contribuições sociais e culturais que esses ambientes lhe proporcionaram. Certamente percebeu que o conjunto dos espaços pelo qual passou foi fundamental para torná-lo professor, padre, confessor, advogado e escritor. Concluimos com as palavras do próprio doutor Navarro em sua carta apologética escrita para o Duque de Albuquerque em 1570, “Navarra me engendró, Castilla la Nueva me educó em Alcalá, Francia me hizo hombre, Castilla la Vieja me ensalzó en Salamanca, Portugal me honró (...) y gracias a Lusitania, vivo decorosamente con la amplia y perpetua renta de mi cátedra” (ARIGILA y LASA, : 615-633). Eis aí as contribuições de cada cidade na longa e brilhante trajetória de um homem que não se prendeu as fronteiras territoriais e culturais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ângela Mendes. **O gosto do Pecado: casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANCHIETA, José de. **Tomo 2: Doutrina autógrafa e confessionário**. Obras Completas 10 vol. Introdução histórico-literária, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso SJ. São Paulo. Edições Loyola, 1992.

BARROS, Cândida. Maruyama, Toru. **O perfil dos interpretes da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI**. Revista de história e estudos culturais. Dez, 2007. V. 1

BEORLEGUI, Carlos. **Martín de Azpilcueta: um artífice de la modernidad (en lo quinto centenario de su nacimiento)**. Disponível em: <http://www.barasoain.net/montaje/martin%20de%20azpilcueta.pdf>

BRANCO, Mario Fernandes Correia Branco. **Para a maior glória de Deus e serviços do Reino: as cartas jesuíticas no contexto da resistência ao domínio holandês no Brasil do século XVII**. Tese de doutorado. Nitéroi.

COSTA, Célio Juvenal. **A Companhia de Jesus: racionalidade e civilização**. IX Simpósio internacional processo civilizador. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_redonda/art10.pdf

FERNÁNDEZ, Rafael Pardo. **Martín de Azpilcueta y su época**. Pamplona, Gobierno de Navarra, 2011.

GÁRCIA, Jesús de la Iglesia. **Martín de Azpilcueta y su comentario resolutorio de cámbios**. Revista História y pensamiento econômico. Diciembre 2000- enero 2001. N. 789.

GRUZINSKI, Serge **O pensamento mestiço**. São Paulo, Companhia das letras. 2001.

⁷ Dentre os biógrafos de Navarro destacamos Arigita y Lasa, Eloy Tejero e Rafael Fernandez.

LASA y MARIGITA, Mariano. **Don Martín de Azpilcueta y sus obras**. Pamplona, Imprenta Provincial, 1845.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus**. Lisboa: Portugal/ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938- 1945. V. 1.

LEITE, Serafim. **Um breve itinerário para uma biografia do padre Manuel da Nóbrega**. Brotréria, 1955.

LONDONÕ, Fernando Torres. **Escrevendo Cartas**. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 43, pp. 11-32 2002.

NAVARRO, Martin Azpilcueta. **Manual de Confessores & Penitentes**[...]. Composto por ho muito resolutu e celebrado Doutor Martin Azpilcueta Navarro. Impresso em Coimbra por João de Barreyra, 1560.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

OLORIZ, Hermilio. *Nueva Biografía del Doctor Navarro: D. Martín de Azpilcueta y enumeración de sus obras*. Pamplona, Librería de Aramburu, 1916.

RAMALHO, Américo da Costa. **Alguns Aspectos da vida universitária em Coimbra nos meados do século XVI (1548-1554)**. Conferência feita na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em Coimbra, em 29 de Abril de 1981.

RAMALHO, Américo da Costa. **Para a História do Humanismo em Portugal**. Lisboa, Imprensa nacional casa da moeda. 1998. V.1

SOUSA, Jesus Maria. **Os Jesuítas e a Ratio Studiorum**: As raízes da formação de professores na Madeira. Islenha, 32, 2003.

TAVARES, Célia Cristina da Silva Tavares. **A cristandade insular**: jesuítas e inquisidores em Goa (1540-1682). Tese de doutorado. Niterói, UFF, 2002.

WRIGHT, Jonathan. **Os jesuítas**: missões, mitos e histórias. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2006.